

**O SILÊNCIO DO ABUSO SEXUAL SOFRIDO NA INFÂNCIA:
efeitos na vida adulta**

Tatiane Maria O. Tirabassi¹

Vinicius Novais Gonçalves de Andrade²

RESUMO: A temática do abuso sexual contra crianças e adolescentes se mostra complexa e de difícil acesso, mas importante de ser analisada. O objetivo dessa pesquisa foi de descrever o abuso sexual infantil, bem como de seus processos de silenciamento. Do ponto de vista metodológico tratou-se de uma pesquisa de revisão narrativa de literatura em bases de dados como: *SciELO*, *Pubmed* e *Lilacs*. Os resultados proporcionaram a construção de discussões conceituais sobre abuso sexual na infância e adolescência; o fato de que grande parte dos abusos acontece por pessoas conhecidas; que há a imposição de um pacto de silêncio por parte do autor de abuso sexual e que as consequências dos abusos sexuais sofridos na infância são vividas na fase adulta e são numerosos. Concluímos que há a necessidade de políticas públicas de prevenção ao abuso sexual, a necessidade de romper os processos de silenciamento para evitar revitimizações e a necessidade de a Psicologia estar cada vez mais presente quando das intervenções realizadas com as vítimas e com os autores de violência sexual.

PALAVRAS-CHAVE: Abuso sexual. Infância. Resignificar. Transtornos mentais.

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual infantil apresenta-se de modo recorrente em muitos contextos familiares, sustentado por uma lógica de silenciamento que se inicia na infância e se prolonga na vida adulta. Tal silenciamento se fundamenta em relações interpessoais assimétricas do adulto com a criança. Como consequência dessa dinâmica relacional violenta, observam-se prejuízos na saúde mental e social para aquele que sofreu o abuso na infância e não teve o devido acolhimento diante do trauma sofrido (FLORENTINO, 2015). Ao identificar o silêncio que perpassa as situações de abuso sexual, podemos, enquanto psicólogos, intervir e

¹ Acadêmica do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser.

² Pós-doutorado em Psicologia. Doutor em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC Goiás (com período de doutorado sanduíche na Universidade do Porto na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação). Mestre em Psicologia pela PUC Goiás. Psicólogo graduado pela PUC Goiás. Psicanalista. Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Alfredo Nasser e docente da mesma instituição. Contato: viniciusnovais@unifan.edu.br.

minimizar ou até mesmo sanar “problemas” de saúde mental e social na vida adulta deste sujeito que sofre.

Desta maneira, entendemos ser relevante investigar teoricamente sobre as experiências do abuso sexual infantil e suas consequências para a vida adulta. Compreender cada vez mais sobre este fenômeno possibilita refletir sobre a importância das políticas públicas para esses sujeitos e contribuir para elaboração de estratégias práticas de profissionais da Psicologia. Cabe ressaltar ainda sobre a importância de pesquisar os aspectos relacionais que inibem a revelação do abuso, pois assim, torna-se possível a diminuição da re-vitimização e os seus impactos negativos (HERSHKOWITZ *et al.*, 2007). A partir do exposto, essa pesquisa tem o objetivo de descrever o abuso sexual infantil, bem como de seus processos de silenciamento.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão narrativa de literatura científica construída a partir de um levantamento bibliográfico, para a qual se utilizou como descritores: “abuso sexual”, “infância”, “fase adulta”, “aparelho psíquico”, “escuta analítica”, “complexo de Édipo”, “saúde mental e social”, nos portais de dados científicos: *SciELO (Scientific Electronic Library Online)*, *PubMed* (Biblioteca Nacional de Medicina os Estados Unidos), *Google Scholar* (Google Acadêmico) LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), no período dos anos de 2015 a 2021, em língua portuguesa. Foram incluídas referências que abordavam o fenômeno do abuso sexual na infância e processos de silenciamento. Em seguida, realizou-se uma leitura analítica para sistematizar as informações teóricas e contemplar o objetivo.

3 DISCUSSÕES, RESULTADOS E/OU ANÁLISE DE DADOS

Segundo Papalia, Olds e Feldman (2013), a infância é constituída por características diferentes de acordo com a idade, sendo subdivididas em: Primeira infância – 0 a 3 anos, marcada pela aquisição da linguagem e locomoção; Segunda infância – 3 a 6 anos com desenvolvimento da imaginação, brincadeiras e noções de gênero (diferenças sexuais); e Terceira infância – 6 a 11 anos, momentos em que amizades e aprendizagem escolar acontecem. Nas três infâncias o abuso sexual pode, infelizmente, incidir.

O abuso sexual é definido como todo e qualquer ato ou jogo sexual, seja em relação heterossexual ou homossexual – com ou sem contato físico, com intenção de estimular sexualmente qualquer indivíduo sem seu consentimento. Define-se abuso sexual contra crianças e adolescentes todos os atos cujos objetivos são a obtenção de prazer sexual experimentada por alguém com idade cronológica superior e estágio de desenvolvimento psicosssexual mais adiantado em relação aos objetos de prazer: as crianças e adolescentes. (MINYO, 2001; HABIGZANG *et al.*, 2005; PFEIFFER; SALVAGNI, 2005; BRASIL, 2006; BOARATI; SEI; ARRUDA; 2009; SANTOS; DELL'AGLIO, 2010).

A maior parte dos casos de abuso sexual na infância e adolescência parte de pessoas que possuem ligação direta as vítimas e que exercem algum tipo de poder sobre elas, em relações assimétricas de poder. O incesto, que envolve grau de parentesco (pais, avos, tios, primos, irmãos) e maior proximidade entre autor de abuso e vítima, causa maior dano psicológico tanto quando os abusos acontecem, quanto posteriormente na vida adulta (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005; ZONNATA; CASTRO, 2020).

Poderíamos afirmar a partir da Constituição Federal de 1988 (Art. 227) e do ECA (1990) que atualmente a família, sociedade e o estado têm o dever de promover a segurança e bem estar à vida da criança e do adolescente. Entretanto a realidade vivida por inúmeras crianças e adolescentes é outra, a do abuso sexual.

Ao entender que a subjetividade humana se constrói a partir de nossos processos de desenvolvimento corporal e psíquico, afirmamos que os efeitos dos abusos sexuais sofridos e silenciados na infância são expressos através de sintomas, também, posteriormente, na fase adulta, como: ansiedade, depressão, culpa, fobias, distúrbios do sono, transtornos alimentares, transtorno dissociativo de identidade (também conhecido como transtorno de personalidade múltipla), comportamento autodestrutivo e suicida (PFEIFFER; SALVAGNI, 2005). Assim, a revelação do abuso sexual por crianças e adolescentes deve ser precoce para que intervenções psicológicas sejam possíveis.

Ambientes de pertença da criança, sejam eles familiares ou não, podem influenciar diretamente na revelação do abuso sexual. Por outro lado, o que mais se observa, é a construção de um segredo, um silêncio exigido pelo autor à vitima, que pode se perpetuar ao longo da vida. Considera-se que:

A família, como lugar de proteção e cuidados, é, em muitos casos, um mito. Muitas crianças e adolescentes sofrem ali suas primeiras experiências de violência: a negligência, os maus-tratos, a violência psicológica, a agressão física, o abuso sexual. As pesquisas demonstram que, no interior da família, a principal vítima da

violência física é o menino e, do abuso sexual, a menina. O pai biológico constitui-se no principal agressor (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 1999, p. 254).

Em decorrência do fechamento da família em si mesma (sem abertura para ser conhecida por outrem), podemos supor que há um baixo índice de denúncias destas violências. Assim, como considera Cunha (2021, p. 1-30),

Os próprios dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) mostram a urgência da adoção de medidas para proteger esse público. De acordo com a pasta, de 2011 ao primeiro semestre de 2019, foram registradas no Disque 100 mais de 200 mil denúncias de violência sexual contra crianças e adolescentes. Considerando o fato de que pesquisas afirmam que apenas 10% dos casos são notificados às autoridades, somos impactados com a impressionante cifra de mais de 2 milhões de casos nesse período em nosso país”, destaca o ministério.

Os dados explicitam a proporção da violência sexual em um ciclo repetitivo, configurando-se em uma verdadeira resistência à revelação do abuso sexual, ou seja, o silêncio sem mantê-lo, assim como os abusos sexuais.

Considerando o abuso sexual como um trauma transgeracional, Salomon (2013) destaca que o trauma do abuso sexual não permanece apenas na consciência e inconsciente, mas também no real do corpo, uma cicatriz, pronta para se mostrar e doer; para se manifestar quando surgir qualquer gatilho que desencadeie aquela memória até então recalcada. Essas reviviscências, por sua vez, que também podem provocar prejuízos à saúde mental e social.

De acordo com Dalgalarro (2000), as consequências subjacentes deste abuso sexual sofrido na infância podem ser manifestos através de tristeza constante, sentimento de culpa, medo exagerado de adultos, do mesmo sexo ou não da pessoa que abusou, comportamento sexual avançado para idade, tiques ou manias, masturbação frequente e descontrolada, enurese ou encoprese e baixa autoestima. A partir do exposto, reafirmamos a necessidade de compreensão do fenômeno do abuso sexual contra crianças e adolescentes, bem como dos determinantes dos processos de silenciamento da revelação dos abusos, pois como foi discutido, as consequências negativas dos abusos sexuais são muitas, sobretudo quando houve o processo de silenciamento e de reiteração dos abusos.

4 CONCLUSÕES

O objetivo dessa pesquisa foi de descrever o abuso sexual infantil, bem como de seus processos de silenciamento. Concluímos que o fenômeno do abuso sexual contra crianças e

adolescentes é complexo e de difícil acesso, pois encontra-se em grande parte no seio familiar que, conforme discutido mostra-se fechada em si mesma e sem grande possibilidade de acesso a qualidade de suas relações. Concluímos que os efeitos do abuso sexual infantil na vida adulta são nefastos e que, é perceptível a necessidade da continuidade de estudos buscando trazer a luz ao que ainda, em oculto, tem trazido severos prejuízos as crianças e adultos abusados na infância. Consideramos, por fim, a necessidade da presença do profissional psicólogo nas intervenções com as vítimas e autores de abuso sexual.

REFERÊNCIAS

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias**: uma introdução ao estudo de psicologia. 12. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o *Estatuto da Criança e do Adolescente*, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1, 16/07/1990, p. 13.563.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

CUNHA, M. **Abuso sexual contra crianças e adolescentes** – Abordagem de casos concretos em uma perspectiva multidisciplinar e interinstitucional. Brasília, 2021.
<https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf>.
 Acesso em: 12 set. 2021.

DALGALARRONDO, P. **Psicologia e Semiologia dos Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

FLORENTINO, Bruno Ricardo Bérghamo. As possíveis consequências do abuso sexual praticado contra crianças e adolescentes. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro , v. 27, n. 2, p. 139-144, aug. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0292/805>. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922015000200139&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 4 mar. 2021.

GREY, Christopher. O feitiche da mudança. **Revista de Administração e Economia**, 2004.

HERSHKOWITZ, I.; LANES, O.; LAMB, M. E. *Exploring the disclosure of child sexual abuse with alleged victims and their parents*. **Child Abuse Negl.**, v. 31, n. 2, p. 111-23, feb. 2007 Disponível em: doi:10.1016/j.chiabu.2006.09.004.Epub 2007Feb 20.PMID:17316793. Acesso em: 20 abr. 2021.

KOTTER, J. P. *Leading change: why transformation efforts fail*. **Harvard Business Review**, Boston, v. 73, n. 2, p. 59-67, mar. 1995.

LAWRENCE, P. R. *How to deal with resistance to change*. **Harvard Business Review**, Boston, v. 32, n. 3, p. 49-57, 1954.

LEWIN, K. *Field theory in social science*. New York: Harper and Row, 1951.

MALGARIM, Bibiana Godoi; BENETTI, Silvia Pereira da Cruz. O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto. **Aletheia**, Canoas, n. 33, p. 123-137, dez. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942010000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 fev. 2021.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. Disponível em: <https://www.paho.org/pt>. Acesso em: 12 set. 2021.

PAPALIA, Diane E.; OLDS, Sally Wendkos; FELDMAN, Ruth Duskin. **Desenvolvimento humano**. 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PFEIFFER, L.; SALVAGNI, E. P. Visão atual do abuso sexual na infância e adolescência. **Jornal de pediatria**, Rio de Janeiro, v. 81, supl. 5, p. 197-204, nov. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/jped/v81n5s0/v81n5Sa10.pdf>. Acesso em: 01 fev. 2021.

SANTOS, Samara Silva dos; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco. Quando o silêncio é rompido: o processo de revelação e notificação de abuso sexual infantil. **Psicol. Soc.**, Florianópolis, v. 22, n. 2, p. 328-335, Aug. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822010000200013&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 01 fev. 2021.

SOLOMON, A. **Longe da árvore**: pais, filhos e a busca da identidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SILVA, Roberta Araújo; TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. Adolescência e o traumático: sobre abuso sexual e as vicissitudes do sujeito. **Rev. Subj.**, Fortaleza, v. 17, n. 3, p. 92-103, dez. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S235907692017000300009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 28 jan. 2021.

WATSON, G. *Resistance to change*. In: BENNIS, W. G. et al. (Eds.). **The planning of change**. New York: Holt, Rinehart, and Winston, 1969.

ZALTMAN, G.; DUNCAN, R. **Strategies for planned change**. New York: Wiley & Sons, 1977.